

Donna Leon

Vestido para a Morte

Tradução

Victor Antunes

À memória de Arleen Auger,
um sol que se apagou

*A forse adesso
Sul morir mio delusa
Priva d'ogni speranza, e di consiglio
Lagrima di dolor versa dal ciglio.*

Ah, pois que talvez já,
Pela minha morte enganada,
Privada de esperança e de amparo,
Dos seus olhos jorrem rios de lágrimas.

Mozart, *Lucio Silla*

Capítulo 1

O sapato era encarnado, do mesmo encarnado das cabinas telefônicas de Londres e das bocas-de-incêndio de Nova Iorque, embora nenhuma dessas imagens tenha ocorrido ao homem que se deparou com ele. O que lhe veio à ideia foi o vermelho do *Ferrari Testarossa* do calendário pendurado no balneário do matadouro, aquele com a loura estirada por cima, como se fizesse amor com o farol esquerdo. Viu o sapato displicentemente caído de lado, a aflorar com a biqueira uma das pequenas poças de petróleo que salpicavam o solo como uma maldição, para lá do terreno do matadouro. Viu-o e, como seria de esperar, não pôde evitar pensar em sangue.

Há alguns anos, tinha sido autorizada a instalação do matadouro naquele local, muito antes de Marghera se ter desenvolvido, se assim se podia chamar à sua transformação num dos principais centros industriais de Itália, antes das refinarias de petróleo e das fábricas de produtos químicos terem alastrado por vastas áreas dos terrenos pantanosos situados do outro lado da laguna em relação a Veneza, a pérola do Adriático. Atarracado e sinistro, o edifício de betão estava rodeado por uma vedação alta de arame, construída no tempo em que o gado bovino e ovino ainda era conduzido para o abate pelos caminhos de terra batida. Teria por finalidade evitar que os animais fugissem antes de serem empurrados e espancados pela rampa em direcção ao seu destino? Agora, chegavam em camiões que encostavam de traseira às rampas ladeadas de muros altos, o que não lhes dava qualquer hipótese de fuga. Além do mais,

ninguém tinha interesse em aproximar-se do edifício, o que tornava desnecessária a vedação. Talvez por isso mesmo, as brechas que apresentavam aumentando, e os cães vadios, atraídos pelo fedor do que se passava lá dentro, atravessavam-na à noite para manifestarem com uivos o seu desejo de participarem no festim.

Em redor do matadouro, a charneca estava deserta; como se respeitasse um tabu tão enraizado como o do próprio sangue, as fábricas tinham-se instalado longe do atarracado edifício de betão. As construções bem se podiam manter à distância, mas os seus lodos e esgotos e os fluidos letais bombeados para os terrenos não queriam saber do tabu, e a cada ano que passava infiltravam-se cada vez mais perto do matadouro. A vasa viscosa e negra borbulhava entre os caules raquíticos das ervas do pântano e uma mancha de óleo, que reverberava de cores como a cauda de um pavão, flutuava à superfície dos pequenos charcos que nunca desapareciam, por muito seca que fosse a estação. Do lado de fora, a natureza estava a ser envenenada, mas era o que se passava lá dentro que enchia as pessoas de terror.

O sapato, o sapato encarnado, estava caído de lado, a cerca de uma centena de metros das traseiras do matadouro, do outro lado da vedação, à esquerda de um grande tufo de ervas marinhas altas que pareciam alimantar-se dos venenos que permeavam o solo em redor das raízes. Pelas onze e meia de uma segunda-feira quente de Agosto, um homem corpulento, coberto com um avental de couro empapado em sangue abriu a porta metálica das traseiras do matadouro e emergiu para o sol abrasador. Atrás dele veio um bafo quente, carregado de mau cheiro e grunhidos de sofrimento. O sol escaldante não deixava perceber se o exterior estava mais fresco, mas pelo menos o fedor das vísceras era menos repugnante, e os sons que se ouviam provinham do trânsito, que passava a um quilómetro dali, dos turistas que se dirigiam a Veneza para o Ferragosto¹, e não dos balidos e mugidos que impregnavam o ar lá atrás.

Limpou no avental a mão ensanguentada, curvado para descobrir um ponto seco junto à batinha, e levou-a ao bolso da camisa para tirar um

¹ Festas da Assunção de Nossa Senhora. (*N. do T.*)

maço de *Nazionale*. Acendeu o cigarro com um isqueiro de plástico e inalou avidamente, grato pelo cheiro e pelo sabor acre do tabaco barato.

Pela porta brotou um mugido rouco que o fez afastar-se do edifício, em direcção à vedação e à sombra das folhas enfezadas de uma acácia que conseguira atingir uns quatro metros de altura.

Em pé, de costas voltadas para o edifício, olhou através da floresta de colunas de fumo e de chaminés industriais que se estendia na direcção de Mestre. Algumas cuspiam fogo; outras, lançavam para o ar nuvens de fumos cinzentos e esverdeados. Uma brisa ligeira, demasiado branda para lhe refrescar a pele, empurrava as nuvens na sua direcção. Chupou o cigarro e baixou os olhos para o chão. Quando andava por ali tinha sempre o cuidado de ver onde punha os pés. Foi então que viu o sapato, caído do outro lado da vedação.

Era um sapato de tecido, não de cabedal. Seda? Cetim? Bettino Cola nada sabia dessas coisas, mas sabia que a mulher tinha um par de sapatos do mesmo género de material, nos quais tinha gasto mais de cem mil liras. Precisava de matar cinquenta ovelhas ou vinte bois para ganhar todo aquele dinheiro, mas mesmo assim ela tinha-o gasto num par de sapatos que só tinha usado uma vez e depois guardara no fundo do armário, sem nunca mais lhe prestar atenção.

Como na paisagem desolada nada mais houvesse que lhe prendesse a atenção, concentrou-se no sapato, enquanto ia chupando o cigarro. Deu um passo para a esquerda, para o observar de outro ângulo. Embora perto de uma grande poça de petróleo, assentava sobre um troço de terra seca. Cola deu mais um passo para a esquerda, a expor-se à violência cáustica do sol, e percorreu com o olhar o solo em redor do sapato, à procura do par. Por baixo do tufo de ervas distinguiu uma forma alongada que lhe pareceu ser a sola do outro sapato, também caído de lado.

Deitou o cigarro para o chão, esmagou a beata com o pé na terra mole, caminhou alguns metros ao longo da vedação e baixou-se para passar por um buraco, com cuidado para não se ferir nas pontas aceradas e ferugentas dos arames. Endireitou o tronco e dirigiu-se para o sapato, que agora já era um par, talvez ainda aproveitável.

– *Roba di puttana* – murmurou entredentes ao ver o salto do primeiro sapato, mais alto do que o maço de cigarros que tinha no bolso.

Só uma puta calçaria uma coisa daquelas. Baixou-se para apanhar o primeiro sapato, com cuidado para não o agarrar pelo exterior. Tal como esperava, o sapato estava limpo, não tinha caído na poça de petróleo. Deu mais alguns passos para a direita, inclinou-se e agarrou com dois dedos o salto do segundo sapato, que lhe pareceu estar preso entre as ervas. Pôs um joelho em terra, com cuidado para ver onde o apoiava, e puxou o sapato com um sacão brusco. O sapato soltou-se, mas quando Bettino Cola se deu conta de que aquilo que o prendia era um pé humano, saltou repentinamente para trás e deixou cair o primeiro sapato dentro da poça negra da qual se mantivera a salvo durante toda a noite.